

A GESTÃO DA REPÚBLICA ROMANA COMO ATRIBUIÇÃO MASCULINA E AS AÇÕES DE FULVIA COMO CONTRADIÇÃO

*Eduardo de Oliveira*¹

Resumo: O artigo busca identificar o caráter tradicional da relação estabelecida entre a masculinidade e a gestão da República Romana. Ao atribuir ao homem a capacidade de manter a estabilidade do Estado, autores antigos e modernos reproduzem uma noção de papéis de gênero. Verifica-se, na tradição romana, que ao homem foi designado o papel de cuidar dos negócios do Estado, da diplomacia e dos assuntos militares, assim como à mulher foi designada a manutenção da própria casa e da família. No entanto, veremos que, no caso de Fulvia, seu campo de atuação se estendeu para além do ambiente doméstico, tendo ela demonstrado capacidades que a tradição creditava apenas aos homens. Através de um diálogo entre historiadores antigos e contemporâneos, se discutirá a possível transgressão de papéis de gênero por parte de Fulvia e até que ponto podemos situá-la na esfera masculina. Por conseguinte, espera-se elucidar, a respeito do campo de ação da mulher da Roma Republicana, sua extensão e suas possibilidades, uma vez que a história reservou à sua figura uma posição subalterna em relação àquela do homem.

Palavras-chave: Fulvia, Gênero, Roma republicana, Ação política, Mulheres romanas.

ROMAN REPUBLIC MANAGEMENT AS A MALE FEATURE AND FULVIA'S ACTIONS AS CONTRADITION

Abstract: This paper seeks to identify the traditional relation between masculinity and the Roman Republic management. By ascribing the capacity of maintain State's stability as a man feature, ancient and modern authors reproduce a gender roles notion. We may verify, in roman tradition, that caring about the State business, diplomacy and military matters were designated to the men, just as caring about the house and the family were designated to the women. We will see that, in the case of Fulvia, her action field extended beyond the domestic ambient and she showed capacities that the tradition used to ascribe as men's only. Through a dialogue between ancient and modern historians, i will discuss the possible transgression of gender roles by Fulvia and how far we can place her on the male sphere. By doing that, i hope to elucidate, about the action field of the Roman Republic women, their extension, and possibilities, once that the history bequeathed to them a subordinate position to the men.

Keywords: Fulvia, Gender, Roman Republic, Politic Action, Roman Women.

Em 63 AEC, durante as últimas décadas da República Romana, Marco Túlio Cícero, no ano do seu consulado, protagonizava o seu mais célebre caso como orador. Após descobrir os planos conspiratórios de Lúcio Sérgio Catilina, que liderava uma conjuração contra a República Romana, o orador o atacou em uma série de discursos que ficaram conhecidos como *As Catilinárias*. A primeira *Catilinária*, que será discutida

¹ Graduando em História. Bolsista BIA-UNIRIO 2019-2020, sob a orientação da Profa. Claudia Beltrão. Agradeço, além dos comentários e correções da minha orientadora (que enriqueceram este artigo), aos colegas Heitor Saldanha e Larissa Petra. Heitor, como pesquisador da área da numismática, me auxiliou no tratamento da moeda que será apresentada, e Larissa, com muito carinho, realizou as revisões iniciais do artigo.

neste artigo, foi proferida perante o senado, ou seja, na presença de Catilina e de grande parte dos senadores.

Durante seu discurso, Cícero expõe os planos de seu oponente (*Cat.* 1.8) e o aconselha a deixar a cidade (*Cat.* 1.11). Catilina é apresentado como um homem mau, acompanhado de outros de igual baixa qualidade, e que precisa ser exilado, pois não tem lugar entre os bons (*Cat.* 1.23). A caracterização do inimigo faz parte de sua retórica que, visando à adesão de seus ouvintes e o isolamento de seu oponente, constrói essa distinção² no imaginário do espectador. Ainda assim, vale tentarmos entender o que difere o homem bom do homem mau na concepção de Cícero, que carrega em suas invectivas uma axiologia romana.

Um homem mau, como Catilina, não possui honra, não possui temor e nem capacidade de reflexão (*Cat.* 1.23). Como seus companheiros, ele é um homem torpe que não tem salvação. Enquanto continua livre, é uma ameaça para a República, que só pode ser salva por um homem bom. Através de exemplos na história romana, Cícero mostra que o homem bom para o Estado é um homem de pulso viril, que responde com coragem a qualquer ameaça à República³.

Cícero se refere à coragem como um atributo masculino (*Cat.* 1.3), portanto, a qualidade do cidadão reflete o quão viril ele é. Para a República se manter intacta, são necessários, então, grandes homens. Mas veremos que, no caso da defesa da República Romana diante da conspiração de Catilina, podemos encontrar não só a figura de um corajoso orador ou de outros grandes homens, mas também a de uma mulher. Fulvia, personagem importante e geralmente esquecida nas análises das *Catilinárias*, exerceu papel notável não somente neste episódio da política romana, mas também em alguns outros.

Fulvia, a mulher que “não possui nada de feminino além do corpo”

Fulvia, em 63 AEC, era casada com Públio Clódio Pulcro e, segundo Salústio (*Catil.* 23), era amante de Quinto Cúrio. Este último, acusado de fazer parte do bando de Catilina, tinha acesso às informações e aos planos da conjuração. Assim que Fulvia teve

² Catherine Steel usa a palavra ‘boundaries’ do inglês (que significa limites, fronteiras) para conceitualizar essa característica da invectiva de Cícero. Para mais informações sobre esta e outras formas de invectivas de Cícero, veja STEEL & VAN DER BLOM, 2013, p. 118.

³ Segundo Cícero, a virilidade de Catilina se desgastava na devassidão e nos crimes: *Cat.* 2.9.

conhecimento dessa suposta conjuração através de seu amante, não tardou e contou para Cícero (Sal. *Catil.* 23), que logo investiu contra seu inimigo político – Cícero havia vencido Catilina na disputa ao consulado no ano anterior – e ganhou a simpatia da ordem senatorial. No início de seu primeiro discurso, o orador deixa explícito ao seu adversário que seus supostos planos foram e serão delatados:

Mas até que exista um só homem que ouse defender-te tu viverás assim como vives agora, cercado de todas as partes por numerosas e fiéis milícias, de maneira que não possa mover um passo contra o Estado. Outrossim muitos olhos e muitos ouvidos, como até agora, te espiarão e vigiarão, sem que tu o percebas. (Cic. *Cat.* 1.6)⁴

Embora Cícero não a cite diretamente em seu discurso, Salústio (*Catil.* 28) e Plutarco (Plut. *Cic.* 16.2) relataram que foi Fulvia os ‘olhos’ e ‘ouvidos’ que ‘espiaram e vigiaram’ Catilina. Não se pode afirmar que Cícero não conseguiria as informações de outra maneira, mas pelo que temos de informação daquele período, foi através da matrona que ele teve ciência do que estava acontecendo.

Veleio Patérculo descreve Fulvia como uma mulher que “não possuía nada de feminino além do corpo” (SHIPLEY, 1961, p. 207-209) e facilmente se entende o porquê. Após este período, Fulvia desempenhou papéis de liderança política e militar, duas vias de conduta estritamente reservadas aos homens. Sua estreia, de forma direta, na vida política, foi logo após a morte de Clódio em 52 AEC (WEIR, 2007, p. 3). Após seu marido ser assassinado por Tito Ânio Milão, Fulvia segurou seu corpo repleto de feridas e chorou por ele em público, causando grande comoção popular:

No relato de Ascônio, o corpo de Clódio é exibido para a plebe por sua mulher, coberto de feridas, o que fez com que se aumentasse a reprovação do crime. Weir sugere uma premeditação absoluta por parte de Fulvia no ato de expor o cadáver de seu marido ao povo, com o fim de exaltar os ânimos e se fazer pagar o delito cometido a seus agressores. (CASADO, 2015, p. 131)

Mais tarde, em seu terceiro casamento, protegeu avidamente a integridade política do esposo, Marco Antônio, enquanto ele estava no Oriente, a fim de impedir que fosse considerado pelo senado um inimigo público (CASADO, 2015, p. 131). Não só defendeu sua carreira, como também pegou em armas e vestiu armadura, adotando o papel de

⁴ Trad. de Amilcare Caletti.

general, liderando soldados e discursando arengas militares na guerra civil entre Antônio e Otaviano (CASADO, 2015, p. 128.). Fulvia liderou a tomada de Perúsia em 41 AEC e foi reconhecida posteriormente por suas estratégias militares, além de, segundo os relatos, ter sido a verdadeira líder do Estado por trás do cônsul Lúcio Antônio, seu cunhado, usando-o como marionete⁵.

Fulvia também demonstrou priorizar as necessidades do Estado acima das suas. Enquanto o Segundo Triunvirato guerreava contra Márcio Júnio Bruto e Caio Cássio Longino, Fulvia não hesitou em ajudá-los. Quando os recursos para a guerra estavam acabando, os triúmviros exigiram que as mil e quatrocentas mulheres mais ricas de Roma cedessem parte de suas riquezas para financiar as batalhas restantes (CASADO, 2015, p. 127). A exigência logo causou conflito, e as matronas, agindo politicamente, recorreram às mulheres das famílias dos triúmviros e imploraram para que não fossem obrigadas a ajudar. Ao recorrerem à Fúlvia, não obtiveram apoio, pois a matrona achava justo financiar a guerra em prol da estabilidade do Estado.

Através dessas e outras informações a que temos acesso, podemos hoje considerar Fulvia como uma figura política. Mas ela era reconhecida desta forma também por seus contemporâneos. Uma evidência da influência de Fulvia na vida pública romana é o uso de sua imagem como recurso na propaganda política de Marco Antônio⁶. Seu rosto foi cunhado como representação da deusa Vitória (fig. 1), o que fez de Fulvia a primeira mulher a figurar em moedas romanas (CASADO, 2015, p. 132).

⁵ Dião Cássio (Dio., *Hist. Rom.*, XLVIII, 4, 1-6) credita as decisões militares de Lúcio Antônio à Fúlvia, dizendo que ele atuava mais como seu assistente do que como um cônsul por si só (CASADO, 2015, p. 127).

⁶ Para um estudo mais detalhado sobre o uso da imagem de Fulvia na propaganda de Marco Antônio em sua guerra contra Otaviano, ver WEIR, 2007.

Fig. 1 – Moeda romana atribuída a Fulvia

FULVIA, primeira esposa de Marco Antônio. Quinário. Cr. 489/5, RPC 513. Anverso: Efégie de Fulvia (Vitória). **Reverso:** Leão caminhando, com as letras **LVG / DVNI** (Lugdunum); e escrito nas laterais **A - XL**. Imagem disponível em: <<http://davy.potdevin.free.fr/Site/crawford5-2.html>>. Acesso em: 15/03/2020

Fulvia e o conceito de *mulier virilis*

Segundo o que a tradição romana perpetuava a respeito das capacidades naturais da mulher, não é realmente de se estranhar que fosse atribuída masculinidade quando uma mulher agia de forma a se envolver com a vida política da cidade, com batalhas militares, e a compreender a gestão do Estado e da guerra. Mas, até hoje há quem atribua virilidade à Fulvia, como Roberto López Casado, que usa o conceito *mulier virilis* (2015, p. 122) para se referir a ela. *Mulier virilis*, segundo a sua conceituação, é basicamente a mulher que transgredir a esfera feminina e adota posições masculinas. Pelo o que foi dito até aqui, pode-se compreender por que López Casado decidiu chamá-la assim. Fulvia realmente agiu por via política e militar, duas formas de conduta estritamente masculinas: mas a que ponto ela foi transgressora? Será que é realmente viável interpretar suas ações como transgressões?

Eu proponho que não. O conceito de *mulier virilis* tem sua origem em um contexto cristão, o que já é por si só um contexto bem diferente da República tardia no qual Fulvia estava inserida⁷. Segundo, não há transgressão da esfera feminina. Fulvia realmente agiu

⁷ Embora eu compreenda o desejo de Roberto Casado em conceituar Fulvia através de um termo latino, *mulier virilis* fala sobre virtudes masculinas cristãs, que mesmo romanas, denunciavam um novo sentido para a palavra *virtus*.

de maneira não esperada por uma mulher romana, mas ela fez isso através de um caminho que não estava fora do campo de ação de uma matrona.

Como se esperava de uma esposa, ela foi leal a seus maridos. Não vou entrar no tema da fidelidade sexual, pois não julgo pertinente, principalmente porque no casamento romano isso estava longe de ser uma realidade⁸. A lealdade de Fulvia é atestada quando, mesmo após a morte de Públio Clódio, ela o honrou e investiu da forma que pôde contra seus assassinos, mesmo que esta forma fosse a manipulação dos ânimos populares. Não há muito o que dizer sobre seu segundo casamento: sabe-se que foi efêmero, já que Caio Escribônio Curião morreu dois anos depois em uma campanha militar na África. E em relação a Marco Antônio, ela investiu e protegeu sua carreira política sempre que teve a oportunidade, até mesmo arriscando a própria vida na guerra civil em que ele esteve envolvido.

Proponho que não se deve perpetuar a ideia de que Fulvia é uma contradição à tradição romana por ter feito o que fez. Ela só é contradição quando se leva em consideração o que a tradição dizia serem as limitações naturais de uma mulher, pois ela mostra que não era isenta de racionalidade (MARKOWITZ, 2014, p. 128) e sensatez. Ainda assim, suas vias de ação foram vias disponíveis a qualquer mulher em análoga situação social. Para se dizer que Fulvia transgrediu a feminilidade ao se movimentar politicamente ou agir militarmente, ela precisaria ter ingressado formalmente na vida política, da mesma maneira que um homem, mas ela se movimentou através de seus maridos. Sua participação na guerra, por mais singular que tenha sido na história romana, se justifica pela necessidade da situação. Naquele ponto, Marco Antônio estava completamente arruinado politicamente e precisava movimentar qualquer resquício de força para se manter vivo em meio a uma guerra civil, encontrando o apoio de sua esposa. Fulvia, portanto, agiu *como uma matrona*, apoiando seu(s) marido(s) e sua família.

Conclusão

Fulvia instrumentalizou sua influência como uma mulher de alta estirpe para participar do jogo político e tentar mudá-lo. Ela o fez porque, provavelmente, não

⁸ Mesmo sendo a infidelidade sexual um tabu muito grande às mulheres, conhecido como *impudicitia*, alguns exemplos atestam que, embora moralmente condenável, a infidelidade feminina era recorrente. Dos homens não se era esperado fidelidade sexual às esposas. Para um estudo mais detalhado sobre matrimônio e liberdade sexual na República Tardia, veja CORRÊA CIRIBELLI, 2002 e CASAMAYOR MANCISIDOR, 2016.

confiava na intuição ou na estratégia de seus companheiros masculinos. Seu desejo não era se tornar um homem, visto que em momento algum renegou alguma das funções que a tradição romana estabeleceu para ela. Em seu papel de matrona, conjecturou o resultado de suas possibilidades, ora enfrentando homens que não a atemorizavam, ora fazendo com que outros realizassem o trabalho que desejava. Através de Cícero, isto é, de sua posição como cônsul romano e de suas habilidades como orador, Fulvia impediu Catilina de atacar Roma. Chorou em público como a viúva inconsolável de Clódio, incitando a revolta popular contra os assassinos de seu marido, e apoiou incondicionalmente Marco Antônio.

Não sabemos até que ponto essa inteligência maquiavélica⁹ vem de Fulvia ou de estereótipos femininos sobre mulheres compartilhados por historiadores que escreveram em tempos posteriores ao dela¹⁰. Mas estes homens, que perpetuaram a ideia de que mulheres não tinham a capacidade de entender os negócios da República, também nos deixaram amostras inquestionáveis da bravura e do genuíno desejo de Fulvia de garantir a estabilidade da República Romana. Para esta mulher mais importou impedir a ruína de Roma do que manter suas valiosas joias, signo de seu poder. Quando seu companheiro estava em meio de uma crise militar, mais importou ajudá-lo a realizar os objetivos que compartilhavam para o futuro do Estado do que a sua própria segurança.

Não menciono as ações de Fulvia para elegê-la entre outras mulheres como um caso que desafiou as normas que a tradição romana estabelecia. Seu caso deve ser visto como um fragmento evidente do que é, até hoje, a neblina sobre o espaço de ação da mulher na Roma antiga. Ela nos atesta as possibilidades de uma mulher de sua posição, poderosa e respeitada como parte da aristocracia. Não sabemos ao certo quantas mulheres como Fulvia existiram, pois a tradição historiográfica fez questão de esquecê-las. Mas tenhamos em mente que, contrariando os papéis de gênero estabelecidos na antiga

⁹ Tomei a liberdade de usar o termo 'inteligência maquiavélica' para me referir ao modo como os autores referenciados nesse artigo retrataram as ações de Fúlvia. Suas lágrimas ao vislumbrar o corpo morto de seu primeiro marido foram, segundo Weir (2007, p. 89), calculadas para causar comoção. A influência de Fulvia sobre Lúcio Antônio foi, segundo Dião Cassio (Dio., *Hist. Rom.*, XLVIII, 4, 1-6) (CASADO, 2015, p. 127), pura manipulação. Nota-se que há uma imagem recorrente da matrona como astuta e ardilosa, capaz de fazer com que os homens ao seu redor façam o que ela queira. A escolha do termo 'maquiavélica' se sucedeu porque, popularmente, essas características se tornaram sinônimos de maquiavelismo, graças ao livro de Nicolau Maquiavel, 'O Príncipe'. Em sua obra, Maquiavel apresenta maneiras de obter sucesso no controle político em diversos tipos de situações, se tornando referência de astúcia na cultura popular.

¹⁰ Pode-se discutir a possível influência dos discursos de Cícero nesse personagem manipulador e ambicioso que à Fulvia foi legado. Nas *Filípicas*, situada no período em que Fulvia e seu esposo, Marco Antônio, eram inimigos políticos de Cícero, o orador usou constantemente a figura de Fulvia para rebaixar a masculinidade de Antônio, o construindo como um homem 'fraco' e 'submisso' à sua 'esposa gananciosa' (WEIR, 2007, p. 53).

tradição romana (e que ainda é perpetuado, de maneira análoga, nos dias de hoje), foi possível na antiguidade existir alguém que, mesmo sem um “pulso viril”, aspirou dirigir o espetáculo político da sua própria maneira.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO

CÍCERO. *Os grandes oradores da Antiguidade: Cícero, as Catilinárias*. Tradução de Amilcare Carletti. São Paulo: Liv. e Ed. Universitária de Direito, 1999.

CÍCERO. *Philippics*. Translation by Walter C. A. Ker. London: William Heinemann Ltda. 1957.

PLUTARCH. *Life of Antonius*. Translation by Casey Mock. Tennessee: Senior Thesis Projects. 2005.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2012.

SALLUSTIO. *La Congiura di Catilina*. North Carolina: Aonia Edizione, 2013.

OBRAS DE REFERÊNCIA

MARKOWITZ, Mike. *Ancient Coins Insight: Real Roman Women on coins*. CoinWeek. 2014. Disponível em: <<https://coinweek.com/featured-news/ancient-coin-roman-women-on-coins/>>. Acesso em: 13 de março de 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BORGES, Marlene Lessa Virgílio. *O Pro Milone de Cícero: Tradução e estudo da invenção*. São Paulo: FFLCH/USP, 2011.

CASADO, Roberto López. “Fulvia, corazón de consul”. In: RODRIGUEZ, Paula Hernandez et al. *Amor y Sexualidad en la Historia*. Salamanca: Hergar Ediciones Antema, 2015.

CASAMAYOR MANCISIDOR, Sara. *Impudicitia: La Transgresión de la virtud sexual femenina en la Roma Antigua*. Salamanca: Andavira Editora, 2016.

CORRÊA CIRIBELLI, Marilda. *Emancipação e liberação sexual das mulheres na República Romana (II e I séculos a.C.)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CRANE, Theodore. *Time of The Night in Cicero's First Catilinarian*. Illinois: CAMWS, 1966.

SHIPLEY, Frederick W. *Velleius Paterculus: Compendium of Roman History*. Massachusetts: Harvard University Press, 1961.

STEEL, Catherine; BLOM, Henriette van der. *Community and Communication: Oratory and Politics in Republican Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WEIR, Alison Jean. *A Study of Fulvia*. Ontario: Queen's University, 2007.

ZUCARELLI, Fernanda Elias. *Cícero em cena: um estudo retórico-semiótico de As Catilinárias*. São Paulo: PPGEL/UNESP, 2014.